

CENTRO REICHIANO DE PSICOLOGIA CORPORAL

MARIA SALETE MUELLER CARDOZO

**OLFATO: UMA SENSÇÃO MÁGICA COMPREENDIDA
SOB O PRISMA DA PSICOLOGIA CORPORAL**



**CURITIBA
2009**

MARIA SALETE MUELLER CARDOZO

**OLFATO : UMA SENSÇÃO MÁGICA COMPREENDIDA
SOB O PRISMA DA PSICOLOGIA CORPORAL**



**Monografia apresentada como
requisito parcial ao Programa de
Especialização em Psicologia
Corporal, ministrado pelo Centro
Reichiano.**

**Orientador: Prof. Dr. José Henrique
Volpi**

**CURITIBA
2009**

FICHA CATALOGRÁFICA

Mueller Cardozo, Maria Salete

Olfato: uma sensação mágica compreendida sob o prisma da psicologia corporal / Maria Salete Mueller Cardozo – Curitiba: Centro Reichiano, 2009.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique Volpi

Monografia do Curso de Especialização em Psicologia Corporal, Centro Reichiano de Psicologia Corporal.

1. Olfato. 2. Sensação. 3. Vegetoterapia.





TERMO DE APROVAÇÃO

Eu, **Prof. Dr. JOSÉ HENRIQUE VOLPI**, no uso de minhas atribuições legais no **Curso de Especialização em Psicologia Corporal**, ministrado pelo Centro Reichiano, na cidade de Curitiba/PR, Brasil, considero **APROVADO**, o trabalho monográfico de conclusão de curso da aluna **MARIA SALETE MUELLER CARDOZO**.

Curitiba, 25 de Setembro de 2009



Prof. Dr. José Henrique Volpi
Orientador

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 Jardim Botânico Curitiba/PR - Brasil - CEP: 80210-000
Fone/Fax (41) 3263-4895 / Site: www.centroreichiano.com.br / E-mail: centroreichiano@centroreichiano.com.br

DEDICATÓRIA



A meus filhos,
FELIPE, MIGUEL e ALINE,
pelo carinho e afeto sempre
demonstrado para comigo
em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS



Minha gratidão e admiração aos meus mestres JOSÉ HENRIQUE e SANDRA MARA VOLPI pela forma brilhante e carinhosa de sempre transmitir os ensinamentos na área da Psicologia Corporal.

Agradeço a minha filha ALINE pela força, incentivo e companheirismo durante o curso de formação, sempre acreditando em mim e passando o seu afeto.

A minha mãe PHILOMENA pelo suporte amoroso com suas orações.

Ao meu marido RAUL, concordando com meus desafios.

EPÍGRAFE



El olfato es un hechicero poderoso
que nos transporta
miles de kilómetros y hacia todos
los años que hayamos vivido.
Los olores de las frutas
me llevan de golpe a mi casa
en el sur, a mis juegos infantiles
en el huerto de melecotoneros.
Otros olores, instantáneos y fugaces,
hacen que mi corazón se dilate
de alegría o se contraiga
con el recuerdo de un dolor.
Con sólo pensar en olores,
mi nariz se llena de aromas
que despiertan dulces recuerdos
de veranos antiguos
y campos maduros a lo lejos.

Helen Keller

RESUMO

Neste estudo apresento o olfato, um dos sentidos de extrema importância, mostrando que o ser humano deve ser tratado em sua totalidade, mental, emocional, corporal e espiritual. Nosso corpo é Energia onde a vida se expressa. A essência do vivo é funcionar, isto é, investigar o vivo enquanto força natural, aprende-lo e protege-lo. Para restabelecer o equilíbrio, ativar e restaurar as energias naturais do ser humano, a proposta é a conscientização de que só percebemos se sentimos, que a sensação está no nosso corpo. É isso que vai configurar em nossa vida.

Palavras-chave: Energia. Olfato. Reich. Sensação.



SUMÁRIO

RESUMO

1 INTRODUÇÃO	09
1.1 Justificativa.....	09
2 O OLFATO COMO ALIADO PARA CONTROLAR AS EMOÇÕES.....	11
2.1 A importância da percepção olfativa	11
2.2 A função nasal na Análise Reichiana	16
3 A PERCEPÇÃO OLFATIVA NA PSICOLOGIA CORPORAL	18
3.1 Defesas do Organismo.....	18
3.2 Mapeamento Emocional do Corpo e a Vegetoterapia	19
4 CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS.....	36

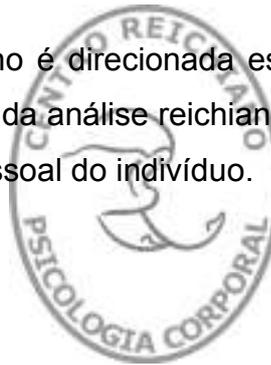


1 INTRODUÇÃO

Não há modo de compreender o mundo sem detectar-lo antes com o radar dos sentidos. Estes nos fazem perceber o mundo que está a nossa volta, alimentando a alma com infinitas sensações. Pode-se dizer que o mundo é um manjar saboroso para os sentidos. Não há dúvida que todos são importantes despertando sensações e emoções que fazem vibrar nosso corpo, tornando a vida mais experimentada e mais plena.

Para entender temos que compreender que não podemos separar corpo e mente. A mente não reside necessariamente no cérebro e sim, viaja por todo o corpo em caravanas vibrantes com sensações, ocupada em dar sentido a essas complexas maravilhas que catalogamos como tato, paladar, olfato, audição e visão. Assim, as texturas, os sabores, os aromas, os sons e as imagens nos levam não só a compreender, como também, ser e estar no mundo através da sensação dos sentidos.

A proposta deste trabalho é direcionada especificamente ao olfato. Através da Psicologia Corporal, ou seja, da análise reichiana, a meta principal é provar que o olfato registra toda a história pessoal do indivíduo.



1.1. Justificativa

Por que deter-me em um só dos sentidos, o olfato? Em primeiro lugar, está em uma ligação pessoal, a qual gostaria de compartilhar com os leitores desse trabalho, falando um pouco de minha própria experiência.

O olfato sempre despertou sensações muito presentes e agradáveis em minha vida, até que em um determinado momento, por um longo período, há a perda desta sensação. A busca pelo retorno e a resposta deste mistério, traçou uma caminhada, levando a uma investigação. Através da análise reichiana encontro respostas e o retorno desta sensação. Em segundo lugar, muito pouco o olfato é mencionado na visão reichiana e, na visão da medicina tradicional, há pouquíssimas respostas no que se refere só ao olfato.

Como objetivo geral, a meta é obter maior esclarecimento sobre todo o processo olfativo e fortalecer o trabalho da Psicologia Corporal. Isto para demonstrar a existência de uma energia no organismo vivo e fazer valer que a análise reichiana

visa o equilíbrio, a harmonia da pessoa em sua totalidade, mental, emocional, corporal e espiritual.

Especificando, pretendo informar a importância da percepção olfativa. Possibilitar o conhecimento da energia universal a que Reich deu o nome de Orgone, numa abordagem energética da mente sobre o corpo e do corpo sobre a mente. Fazer compreender que todo ser vivo como uma unidade de energia contém em si dois processos paralelos: o psiquismo (mente) e o soma (corpo). Proporcionar clareza quanto as defesas do organismo. Demonstrar a relação direta que o olfato tem com o prazer e afirmar o quanto o corpo e as emoções vivem entrelaçados.

Esta pesquisa é dirigida a todo indivíduo que por uma razão ou outra queira aprimorar seus conhecimentos, ou desbravar este misterioso e mágico mundo olfativo.

Ter contato e obter informações com pessoas que tiveram perda do olfato, proporcionando acesso ao conhecimento da Energia a que Reich chamou de Orgone.

A metodologia a que conduzo este trabalho é para desenvolver um trabalho focalizando e provando que o campo de energia no ser humano está intimamente associado à saúde e ao bem estar.

Fazer valer o pensamento de Reich, pensamento este funcional, de que só percebemos se sentimos, que nossa sensação está em nosso corpo e é isso que vai configurar em nossa vida, portanto, a essência do vivo é funcionar.

Compreender que a meta a atingir somos nós mesmos, aprendendo que nossa pulsação tem um limite.

Saber que o corpo fala e registra toda nossa história pessoal e é a partir desse registro que fazemos as possíveis relações com o caráter.

Levar o conhecimento que o olfato é a incorporação do meio externo, e tem conexão direta com o processamento e emoções e o armazenamento de memórias.

Relatar que mesmo no útero o bebe sente odor.

Registrar o que leva a uma falha desse sentido, o olfato.

Exaltar a importância da respiração e caminhar em direção ao resgate e aprendizado para obter esta maravilhosa sensação.

Assegurar os benefícios que constatamos com a Psicologia Corporal.

2 O OLFATO COMO ALIADO PARA CONTROLAR AS EMOÇÕES

2.1 A importância da Percepção Olfativa

Os cinco sentidos são as portas de comunicação entre o ser humano e o Universo. Precisamos não só sentir as texturas da vida como também compreender, ser e estar no mundo através da sensação dos sentidos.

Nosso mundo é uma infinita mescla de sensações, que implicam também a sentir emoções.

Antes de deter-me no sentido do olfato não posso deixar de citar os outros sentidos que também são de suma importância.

O tato é o sentido mais antigo. Quando o bebê cresce no ventre, rodeado pelo líquido amniótico, flutua em uma maravilhosa rede que o faz ninar quando a mãe caminha, sentindo as batidas do coração dela e os movimentos internos num ambiente acolhedor. O nascimento é um choque muito duro depois de tanta serenidade. Imediatamente, depois do nascimento, a mãe sustenta seu bebê contra seu corpo. Nas culturas primitivas, a mãe levava seu bebê pegado a ela, dia e noite. Entre os pigmeos do Zaire, o recém nascido passa 50% do tempo em contato físico com alguém, e todos os membros da tribo o acariciam e brincam com ele continuamente.

Todos os animais respondem ao tato, as carícias e, em qualquer caso, a vida mesmo não poderia se desenvolver sem o tato, isto é, sem os contatos físicos e as relações que se formam são a partir daí. Em ausência de contato, as pessoas de qualquer idade podem ficar enfermas e porque não dizer sentir-se mutiladas.

Nos fetos, o tato é o primeiro sentido que se desenvolve, e no recém nascido é automático, antes mesmo dos olhos abrirem o bebê começa a captar o mundo. Pouco depois de nascer, ainda não pode ver, nem falar, instintivamente começa a tocar. As células do tato dos lábios possibilitam mamar, e os mecanismos de fechar as mãos começam a buscar calor. Entre outras coisas, o tato nos ensina a diferença entre eu e o outro, nos diz que pode haver algo fora de nós: a mãe. Mãe e bebê fazem uma enorme exibição de contato. O primeiro bem estar emocional é tocar sua mãe e ser tocado por ela; e segue na maioria como exemplo definitivo do amor desinteressado que nos acompanha toda a vida.

A audição é outro sentido que nos transporta a muitos estados emocionais.

Para o feto que está no ventre, as batidas do coração da mãe são como uma canção de berço, assim como a respiração dela o tranquiliza. O ventre materno é uma moradia cômoda, um invólucro de calidez rítmica e segura. Acaso alguma vez duvidamos desse som?

O som é uma vibração energética, e pode-se perceber o som da voz como uma gratificação ou como uma frustração, cuja repercussão na circulação fetal pode engendrar uma potencialidade de bloqueio no primeiro nível. Durante a vida fetal, os sons já são percebidos, mas filtrados pelo líquido amniótico. O feto percebe os batimentos cardíacos da mãe e sua voz, assim como os ruídos mais intensos vindos do meio exterior. Constatou-se que, se o meio é violento ou frustrante, a surdez é congênita.

Quando os pequeninos começam a falar, suas primeiras palavras saem no mesmo som repetidos: mamãe, papai. Mãe e filho estão unidos pelo cordão umbilical do som.

Abrimos a boca, fazemos sair ar dos pulmões pela laringe, que é nossa caixa de sons mediante uma abertura entre as cordas vocais, e as fazemos vibrar. Então falamos.

Os sons nos cativam a tal ponto, que gostamos que as palavras rimem, que seus sons coincidam, isto é, que seu significado nos toque de imediato, sensibilize, emocione. Quando cantamos, não só nossas cordas vocais vibram, ou quando ouvimos uma música só nossos ouvidos agem, mas todo nosso corpo vibra e tem sensações.

Como as emoções puras, a música aparece e suspira, cresce e decresce em silêncio, sem sentido, se comunica com outros, nos livra do desconforto e inadequação das palavras.

Quando cantamos, as pupilas se dilatam e aumentam nossos níveis de endorfiinas; a música compromete todo o corpo, assim como o cérebro, e tem também uma qualidade terapêutica.

Uma nota musical não é mais que canção em vibração que estimula os órgãos auditivos. Podem ter diversas qualidades, como volume, timbre ou duração, mas são sim mais que canção em movimento. Por isso os surdos podem desfrutar da música, pois percebem como uma vibração atrativa.

O paladar, ou gosto, é um sentido desfrutado na maioria das vezes socialmente. Em geral com nossa família. Todas as culturas empregam a comida como sinal de aprovação ou comemoração, outras são ingeridas simbolicamente, e

outras em forma de ritual. Toda forma de sociabilidade pode reunir-se ao redor da mesma mesa: o amor, a amizade, o negócio, etc.

O primeiro alimento que degustamos é o leite materno, acompanhado por amor e afeto, carícias, um sentimento caloroso, seguro e de bem estar, que constitui nosso primeiro sentimento de prazer. Depois saboreamos a comida sólida. A percepção da fome produz uma excitação no recém nascido, que se transforma em agitação dolorosa, se essa necessidade não for satisfeita.

Segundo Navarro, (1995, p. 52):

Como a alimentação se confunde, no recém nascido, com a relação de amor, ela assume um significado afetivo (os amantes ficam plenos de amor e não sentem fome; as dores de amor, ao contrário, são esquecidas com o chocolate; a gula dos velhos alivia sua solidão). Esse significado afetivo, alias, se expressa pelo costume ancestral do banquete funerário, que tem por fim oferecer um consolo pela perda de um ente querido. Um aleitamento deficiente ou um desmame brusco ou precoce estão na origem da condição caracterial depressiva, que faz diminuir a necessidade sexual ou que, em casos de depressão mascarada, substitui a alimentação pela necessidade sexual. A posição depressiva ansiosa se manifesta pela bulimia, compensação da necessidade de ser amado, tendência a devorar o objeto gratificante para melhor possuí-lo.

O sabor da alimentação é uma fonte de prazer, de complexas satisfações, tanto fisiológicas como emocionais, grande parte das quais implicam memórias infantis. Devemos comer para viver, o mesmo que devemos respirar. Mas a respiração é involuntária, e encontrar a comida não é. Requer energia e planejamento.

O olfato contribui muito para o paladar. Com freqüência cheiramos algo antes de comer, e isto basta para começarmos a salivar. O olfato e o paladar compartilham o mesmo condutor da respiração, como os moradores do mesmo edifício que sabem o que o vizinho esta cozinhando.

Quando algo permanece na boca, podemos cheirar, e quando inalamos uma substância amarga, um descongestionante nasal, por exemplo, podemos sentir um gosto metálico na garganta. O odor nos chega antes do gosto.

Quando algo chega a nossa boca, sentimos sua textura, cheiramos seu aroma, fazemos rodar sobre nossa língua, mastigamos lentamente, o que estamos fazendo é saborear. Enfim, é um desfrute gustativo. O sabor de um alimento inclui sua textura, seu odor, sua temperatura, seu calor. Como somos seres sonoros, gostamos também que alguns alimentos cheguem a nossos ouvidos com agradáveis rangidos, como o mastigar de uma cenoura crua.

A visão é muito mais que ver, pois em nossa mente o olhar é um olho abstrato onde podemos pintar, imaginar, recordar, ter vários pensamentos, como se fossem um holograma, sentimos ondas de emoções. A imagem visual é uma espécie de desencadeamento para as emoções. A força de uma imagem é uma corrente de sensações.

A visão pode atravessar os campos, navegar os mares, subir as montanhas, viajar através do tempo, dos continentes. Os animais que ouvem altas frequências melhor que nós, vêem muito e bem com sua audição, ouvem geograficamente; mas nossa maior densidade informativa, maior riqueza, é quando captamos por meio da visão. Segundo Ackermann ((1992, p.268) “70% dos receptores sensoriais do corpo convergem nos olhos, e é pela visão que apreciamos e compreendemos o mundo.”

É difícil imaginar a vida sem luz. Até para os cegos de nascimento a luz influi de outros modos. Afeta nosso humor, põem em movimento nossos hormônios, desencadeiam nossos biorritmos. Algumas enfermidades infantis, incluindo raquitismo, são provenientes em parte da falta de luz solar; as crianças como são muito ativas necessitam a vitamina D, produzida pela luz solar, para conservar a saúde.

Descrevendo sobre a visão, dizia um artista plástico que cada pincelada devia conter o ar, a luz, o objeto, a composição, o caráter, a silueta e o estilo. Expressar o que existe é uma tarefa interminável.

A vida é um mundo mágico cheio de sabores, sons, texturas, aromas e visões onde numa fascinante e colorida aquarela nosso corpo que é pura Energia é movido por sensações, emoções, vibrações, fazendo a vida se expressar.

Podemos compreender uns aos outros com amor e afeição, sabendo melhor como funcionam a mente e os sentidos.

Com esta leve pincelada nos outros quatro sentidos, volto ao olfato, o sentido ao qual me propus a estudar. Este é o nosso aliado no dia a dia para controlar as emoções.

Despertador natural no momento em que respiramos, o cheiro imediatamente atinge o hipotálamo, que por sua vez envia uma mensagem ao nosso corpo.

A diferença de outros sentidos, o olfato não necessita de intérprete. O efeito é imediato e não é diluído pela linguagem, o pensamento ou a tradução.

O olfato é a incorporação do meio externo para o meio interno. Tem conexão direta com o processamento de emoções e o armazenamento de memórias. O corpo registra toda nossa história pessoal. Tudo que está na mente está no corpo. Volpi &

Volpi (2002, p. 138) dizem que “A história de uma pessoa inicia-se bem antes do nascimento. Parte dela já está inscrita nos genes e outras partes vão sendo escritas de acordo com as experiências de vida.”

Na vigésima semana de gestação o olfato se forma. Mesmo no útero, o bebe sente odor; é o estímulo dos receptores pelo líquido amniótico. O bebe é capaz de reagir negativamente ou positivamente conforme a presença de substância amarga ou adocicada. E quando o bebe nasce, como ainda não consegue discernir a figura da mãe, identifica-a pelo cheiro.

Como sabemos pela experiência do parto sem violência que o recém nascido, quando colocado sobre o corpo da mãe, procura com o olfato o bico do seio e logo se agarra a ele, sugando, é óbvio que a respiração nasal é fundamental para ativar o olfato. Ativando o olfato, a respiração nasal carrega a onda do corpo para o abdômen e a zona genital. (NAVARRO, 1996, p. 57)

Vemos só quando há luz suficiente, degustamos quando colocamos coisas na boca, tocamos quando fazemos contato com algo ou alguém, ouvimos somente os sons que sobrepõem certo limite de volume. Mas cheiramos sempre cada vez que respiramos. Se tapamos os olhos, deixamos de ver, se tapamos os ouvidos, deixamos de ouvir, mas se tapamos o nariz e tratarmos de deixar de aspirar o ar, morremos. Ao longo de toda a vida, cada ato de respiração faz passar o ar por nossos órgãos olfativos. Ao inalar ou exalar, sentimos cheiros, perfumes. Os cheiros nos cobrem, giram ao nosso redor, entram em nosso corpo, emanam de nós.

Passamos por vários processos ao longo de nosso desenvolvimento e nosso organismo possui um sistema energético de auto regulação. A vida nos dá possibilidades para tal. Segundo Volpi (2007), “auto regulação pode ser entendida como um conjunto ordenado de mecanismos que permite o organismo vivo pulsar de forma natural e espontânea, sem interferência do meio”. No entanto, é preciso que organismo e meio interajam para podermos lidar com o mundo que nos afronta, e assim gerar um equilíbrio interno. Através da respiração harmonizamos-nos com a atmosfera. Nossas sensações são determinadas pela respiração e pelos movimentos.

2.2 A Função Nasal na Análise Reichiana

Expresso aqui que para a análise reichiana também a função nasal tem uma linguagem que revela como o organismo vivo se exprime. Sendo vivo, se expressa em movimentos. Evidentemente, a linguagem deriva das sensações percebidas por órgãos do corpo.

O movimento expressivo é uma característica inerente ao protoplasma. Distingue o organismo vivo de todos os sistemas não vivos. A palavra sugere literalmente – e é assim que devemos considerá-la – que alguma coisa no sistema vivo “pressiona a si mesma para fora”, e portanto, se “move”. Isso pode significar o movimento, ou seja, a expansão ou contração do protoplasma. No sentido literal, “emoção” significa “mover para fora”; ao mesmo tempo, é um “movimento expressivo”. O processo fisiológico da emoção plasmática, ou movimento expressivo, está ligado inseparavelmente a um significado facilmente inteligível, que costumamos chamar de expressão emocional. Assim, o movimento do protoplasma expressa uma emoção, e a emoção ou expressão de um organismo está incorporada no movimento. A segunda parte dessa afirmação requer uma modificação, porque sabemos, pela orgonoterapia, que há uma expressão nos seres humanos provocada pela imobilidade ou rigidez. (REICH, 2004, p. 332).

O organismo vivo tem seus próprios modos de expressar o movimento, os quais muitas vezes simplesmente não podem ser colocados em palavras. O cérebro é um bom operário mudo. A falta de vocabulário nos deixa com a língua paralisada em busca de palavras em um mar de sensações, de prazer e exaltação desarticulados.

Ao inalar e exalar, sentimos cheiros, perfumes. Os cheiros nos cobrem, giram ao nosso redor, entram em nosso corpo, emanam de nós. Vivemos em um constante banho de perfumes. Ainda assim, quando tratamos de descrever um cheiro, nos faltam palavras.

Segundo Ackermann, (1992, p. 22):

As palavras são pequenas formas de uma sensual situação de desordem ou mescla do mundo. Mas são formas, focalizam o mundo, anotam idéias, organizam pensamentos, pintam as aquarelas da percepção.

Basta imaginar-se passando por um mundo de aromas, como sonâmbulos, ainda assim, teremos um sentido do olfato notavelmente desenvolvido expressando uma emoção. Nosso nariz apenas sentem logo, e os aromas tem que recorrer toda uma distância dentro dele antes que tomemos consciência de que temos cheirado algo, requerendo um movimento expressivo. Por isso, enrugamos o nariz,

respiramos fortemente, bufamos para mover as moléculas de odor e leva-las mais perto dos receptores olfativos, ocultos nos mais escondidos lugares do nariz.

A respiração nasal de um recém nascido carrega a onda energética do corpo para o abdômen e a zona genital, levando para seu mundo, onde ele não percebe o cheiro, como algo que somente entra pelo seu nariz. Ouve os cheiros, os vê e os toca. Seu mundo é uma mescla de aromas picantes, sons de cheiro amargo, visões de cheiros doces e pressões de cheiro ágrio contra a pele. Os recém nascidos vivem imersos em ondas nas que tem se fundido visão, som, tato, gosto e especialmente, cheiro.

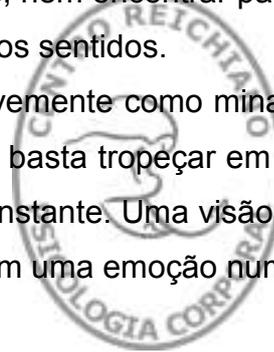
Os cangurus bebês, como muitos outros mamíferos, nascem cegos e devem encontrar seu caminho ao mamilo de sua mãe só pelo olfato.

Uma mãe foca sai a nadar e, quando regressa a praia que transborda de crias, reconhece a sua pequenina foca em parte pelo olfato.

Os animais não poderiam viver por muito tempo sem feromonas, porque não poderiam marcar seus territórios, nem encontrar parceiras receptivas e férteis.

O olfato é o mais direto dos sentidos.

Os cheiros detonam suavemente como minas ocultas em nossa memória, de muitos anos e experiência. Mas basta tropeçar em um rastro invisível de perfume, e as recordações explodem num instante. Uma visão complexa surge misteriosamente para instantaneamente aflorar em uma emoção num movimento expressivo.



3 A PERCEPÇÃO OLFATIVA NA PSICOLOGIA CORPORAL

3.1 Defesas do Organismo

Os sentidos não se limitam a perceber a vida mediante atos sutis ou violentos. Eles rompem a realidade em fatias vibrantes e as reacomodam em um novo complexo significativo. Fazem o corpo vibrar, pulsar em compassos respiratórios diferenciados e significativos; movimentos de expansão e contração.

Verifica-se essa resposta de expansão e contração em todos os seres vivos, conforme as condições sejam respectivamente gratificantes, favoráveis ou frustrantes e desfavoráveis.

No que se refere ao corpo humano, isto é, ao caráter de nosso eu, a reação neurovegetativa e a muscular estão fundadas na necessidade de reprimir certos aspectos funcionais, certas necessidades pulsionais: este movimento determina a formação dos traços caracteriais. A partir do momento que todas as situações conflitantes provocam angústia, é evidente que o traço caracterial esconde, bloqueia quase sempre uma situação de angústia. Para evita-la, nós a bloqueamos criando uma estase que na realidade, não é nada mais senão um bloqueio energético correspondente aquela situação conflitante. (NAVARRO, 1995, p. 26)

O olfato desperta sensações de alerta ou tranquilidade, conforto ou incômodo. Informa-nos a origem de cada coisa e está intimamente relacionado ao instinto de sobrevivência. Até é possível que não necessitemos do olfato para sobreviver, mas sem ele nos sentimos perdidos e desconectados. A angústia que gera nos leva aos mecanismos de defesa.

Para entender temos que compreender que não podemos separar corpo e mente. É importante estarmos sempre em contato com nossas sensações para que haja um movimento energético coeso. Todas as sensações são percepções corporais e os sentimentos são a verdade.

Somos principalmente Energia. Somos corpo. Nosso corpo tem sensações. Este Ser que é corpo, é sensação, é perceptível, está sempre tateando o mundo, o ambiente. Isto porque ele é Energia, anseio de fusão. Ao perceber o mundo ele responde com sensação. É expressivo, sensível, perceptível, conceitual (palavras, conceitos, idéias que vem integrar a vivência), consensual (pertence a um consenso, a um grupo). Sendo assim, a essência do vivo é funcionar. Pensamento funcional de

Reich é que a gente só percebe se sente, nossa sensação está no nosso corpo, é isso que vai configurar em nossa vida.

O aroma desperta lembranças, mas também desperta nossos sentidos adormecidos, nos mima e envolve, ajuda a definir nossa própria imagem, atíça o calderão de nossa sedução, nos adverte dos perigos, nos induz as tentações, acalma nosso fervor religioso, nos põe num mundo mágico, num poder sem nome.

Quando inalo o perfume de uma flor, as moléculas de odor sobem flutuando pela cavidade nasal, mais além da ponta do nariz, donde a mucosa as absorve, contendo células receptoras munidas de filamentos microscópicos chamados “cílios”. Segundo Ackermann (1992, p. 27), “cinco milhões dessas células disparam impulsos ao bulbo olfativo do cérebro, o centro do olfato. Essas células são peculiares do nariz.”

Se um neurônio no cérebro for destruído, terá desaparecido para sempre, não voltará a crescer. Se os neurônios dos olhos ou dos ouvidos forem destruídos, ambos ficarão danificados irreparavelmente. Entretanto os neurônios do olfato se modificam mais ou menos a cada trinta dias e, as diferenças de outros neurônios do corpo, se exalam ao exterior e inalam o ar como arrecifes de anêmolos.

Na visão reichiana nada tem um fim, tudo tem um complemento.

3.2 Mapeamento Emocional do Corpo e a Vegetoterapia

Mapeamento do Corpo é o indicativo para fazer leitura corporal. Reich propôs o mapeamento do corpo em sete segmentos chamados por ele de couraça, que agem como um anel que circula a região toda do corpo. Esses sete segmentos de couraça são: ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico. Lembrado sempre que mapeamento não é divisão. Para o desbloqueio das couraças (vegetoterapia) tem início pelo primeiro segmento que é o ocular, seguindo em direção ao último que é o pélvico, levando o indivíduo ao amadurecimento caractereológico.

Em todo processo de desenvolvimento emocional vivido ao longo da história de um ser humano, o caráter tem por finalidade protegê-lo dos perigos internos e externos.

O corpo sente, aprende, se disciplina, se condiciona, deprime, cresce, se expande, se contrai e morre. Possui uma energia própria, que pode ser alta (hiperorgonótica), baixa (hipoorgonótica) ou normal (orgonótica).

As etapas que o indivíduo passa seguindo em direção ao amadurecimento caractereológico, segue por variáveis emocionais, afetivas, dinâmicas, energéticas e pulsionais. A energia é o ponto central da realidade. Cada fase do desenvolvimento é caracterizada por relações energéticas com o campo que o circunda. Elas tem características peculiares ao momento vivido, real e objetivo.

Todas as etapas do desenvolvimento emocional pelas quais uma criança passa desde a sua concepção até a adolescência é algo maravilhoso. Progredindo, crescendo, amadurecendo a criança vai se desenvolvendo, vai aprendendo novas experiências que ficarão registradas na memória celular em forma de imprints, marcas, registros.

Segundo Volpi & Volpi (2006, p. 2):

A maturação psico-emocional de uma pessoa, acompanhada do movimento de pulsação de energia, atravessa uma sucessão de etapas que seguem uma sequência lógica, uma organização e um calendário maturativo.

Essas etapas representam momentos de passagem que induzem à incorporação de experiências vividas e determinam a entrada e a saída de uma etapa à sucessiva. Caracterizam-se por fenômenos específicos que desde o início trazem consigo, na bagagem genética da célula, valores biofisiológicos, emocionais-afetivos e intelectivos. São esses que serão transmitidos para todas as demais células do corpo durante todo o processo de desenvolvimento e que, aos poucos, irão sendo acrescidas das experiências que as criança irão vivenciar.

Na visão reichiana nada tem um fim, tudo tem um complemento. Cada atendimento, cada seção é única, é o momento da pessoa. Cada um registra todos os acontecimentos vividos durante a sua vida, principalmente aqueles ocorridos na primeira infância, quando as formas que encontramos para nos defender ainda são precárias. Esses acontecimentos, quando estressantes e traumáticos, muitas vezes deixam no corpo marcas profundas e irreversíveis, bloqueando dessa forma a energia e impedindo a pulsação do organismo.

Para a compreensão do ser humano, através de seus traumas, conflitos internos, atitudes e movimento energético, têm como base as etapas do desenvolvimento emocional assim compreendidos:

a) Etapa de Sustentação

O bebe aprende a receber carinho, pelo alimento e pelo contato. O útero é o primeiro ambiente durante seu desenvolvimento físico, energético e emocional, onde o contato se dá com a mãe por meio de suas paredes e do cordão umbilical, que irá sustentar e nutrir o bebe não apenas de forma fisiológica, mas também emocional e energética para que possa continuar sendo gerado.

Durante essa primeira etapa, o bebe atravessa três fases: segmentação, embrionária e fetal.

A fase da segmentação é a partir da fecundação ocorrendo a formação do início da vida. O útero é o primeiro ambiente da criança e, assim sendo, deverá ser receptivo, pulsante e acolhedor. Dessa forma, medo, estresse, angústia, ou qualquer outro tipo de emoção podem alterar esse processo energético e dificultar ou impedir a sustentação, nidação do zigoto nas paredes uterinas. Isso explica porque muitos embriões não desenvolvem nessa fase, fazendo com que o próprio organismo materno se encarregue de sua expulsão mediante um aborto espontâneo, que, na maioria das vezes, passa despercebido pela própria mãe.

Na fase embrionária há uma predominância biológica endócrina, na qual a célula continua a se multiplicar para formar o embrião e continua consumindo muita energia que ainda é autógena, da própria célula, mas que com a formação do cordão umbilical, que sustenta o embrião nas paredes do útero, vai se organizando para passar a ser trofo-umbilical. É importante dizer que qualquer situação tomada pela mãe como estressante é capaz de ativar os mecanismos endócrinos maternos e interferir no desenvolvimento físico e energético do bebe, as vezes comprometendo a sustentação, uma situação que pode ser sentida pelo bebe como uma ameaça de aborto e até pode provocar a alteração das informações genéticas que são transmitidas de célula à célula por meio do DNA. Mesmo não ocorrendo o aborto ou a alteração do DNA, esses registros de estresse ficarão armazenados na memória celular, resultando posteriormente na possibilidade de gerar sérios comprometimentos de ordem física, energética e/ou emocional.

Na fase fetal que ainda corresponde a etapa de sustentação, tem início no terceiro mês de gestação e se estende até o nascimento. Nessa fase o bebe já é capaz de reagir aos estímulos auditivos, luminosos, gustativos, táteis e até mesmo olfativos. Isso nos declara a importância de uma gravidez em estado de bem estar.

b) Etapa de Incorporação

Junto a esta fase, começa a interagir a segunda etapa da Incorporação. A criança precisa da alimentação, nutrição no sentido emocional, o colo da mãe nutre o bebe. A mãe é a referência, é fundamental a maternagem, esta supre a oralidade do bebe. Nessa etapa, o bebe abandona o útero para se ligar ao seio da mãe, introjetando tudo o que vier do mundo externo, começando pelo bico do seio ereto e disponível, passando pelo sabor agradável do leite, pelo cheiro da mãe, pela disponibilidade da mãe em amamenta-lo, pelos olhos atentos e receptivos, pelas mãos quentes e acolhedoras e pelo contato epidérmico que envolve o bebe, da mesma forma que o útero o envolveu. Quando ele morde o seio da mãe, esta tem que colocar os limites e dar comida salgada para a criança mastigar. Começa o início da terceira etapa do desenvolvimento que é a Produção.

c) Etapa de Produção

A etapa de Produção vem com o desmame. Sai do colo da mãe, começa a descobrir o mundo e quer começar a fazer as coisas sozinho, produzir. Aqui a energia da criança está voltada à construção de pensamentos, de gestos, de brincadeiras, de jogos, de relacionamentos, e muito mais, da mesma forma que produz suas fezes e sua urina. Nessa fase a criança precisa de limites com amor; limites do que pode e o que não pode.

d) Etapa de Identificação

A etapa da Identificação é onde a energia da criança volta-se para a descoberta dos genitais e passa a distinguir a diferença entre menino e menina e a ter uma idéia segura quanto ao sexo que pertence. Conhece seu corpo. A criança vai descobrindo essa identificação da sexualidade mais ou menos aos 4 ou 5 anos.

e) Etapa de Estruturação e Formação do Caráter

Etapa de Estruturação e Formação do Caráter tem início aos cinco anos estendendo-se toda a puberdade, até o início da adolescência. Segunda a análise reichiana é a etapa em que a formação da estrutura básica de caráter se completa.

De acordo com este conjunto percebemos através do mapeamento do corpo que cada tipo de caráter irá ter uma dinâmica particular. A estruturação caracterial se inicia com a vida e, a primeira relação expressa seu passado, sua história, seu encontro e desencontro com o mundo. Através das emoções, a vegetoterapia caracterioanalítica reativa a história do indivíduo desde a vida intrauterina.

Apesar da não correlação anatômica entre os segmentos, emocionalmente eles estão relacionados entre si. O segmento ocular está diretamente ligado ao segmento abdominal, no que se refere ao medo. O segmento oral ligado ao pélvico, no que se refere ao dar e receber prazer e o segmento cervical ligado ao diafragma, sendo duas regiões de estrangulamento da energia e tendo suas relações com a ansiedade e o controle. O segmento torácico é o único que não tem esse tipo de relação direta, mas está ligado, influencia e é influenciado pelos segmentos cervical e diafragmático. É importante considerar que todos os segmentos tem uma relação com os segmentos superior e inferior a ele. (VOLPI & VOLPI, 2003, p. 25)

As emoções reprimidas nos músculos corporais provocam bloqueios, isto é, a couraça, que a vegetoterapia procura flexibilizar, liberando as emoções e resolvendo os conflitos psicológicos.

Neste estudo sobre o olfato podemos mencionar como reconhecemos os aromas. Mas o que dizer ou o que sucede quando alguém perde seu sentido do olfato.

Sabemos que a mente não reside somente no cérebro, de modo que o lugar onde ela reside é tão misterioso como o residir neste cérebro.

Para descrever um cheiro, um aroma, utilizamos palavras como escuro, sulfuroso, floral, frutal ou doce, estamos descrevendo cheiros de acordo com outras coisas – a fumaça, o enxofre, as flores, as frutas, o açúcar. Os perfumes podem ser nossos amigos mais queridos, mas não podemos recordar seus nomes. Em lugar disso temos a tendência de descrever como nos fazem sentir. E assim qualificamos os odores de imundo, asfixiante, nauseante, agradável, delicioso, hipnótico ou excitante.

Quando não podemos expressar esta sensação é a estagnação da energia, o que chamamos de estase (energia estagnada, não se deixa expressar).

Segundo Reich, o encorçamento corporal é a consolidação da neurose no corpo, uma parada no fluxo da energia vital.

O encorçamento represa os sentimentos.

A couraça serve de proteção e não deve ser quebrada e sim, flexibilizada ou derretida para não correr o risco do paciente sofrer de desintegração psicótica ou formar outra couraça ainda mais forte.

Para Reich o processo da vida funciona como uma pulsação constante de cada órgão de acordo com seu ritmo próprio e do organismo de acordo com o ritmo do prazer – angústia.

Há uma antítese natural entre prazer, que é um movimento de expansão e angústia que é um movimento de contração.

No prazer a energia flui do centro do organismo, do cerne biológico para a superfície da pele; na angústia há o fluxo de energia em direção ao interior do corpo.

A alteração da função natural da pulsação de todo o organismo manifesta-se como transtorno psicoemocional e/ou como perturbação funcional dos órgãos.

A interação da função natural da ondulação manifesta-se como bloqueio nos sete segmentos. Neste caso falamos em segmento ocular – contato, onde é destacado o sistema nervoso, pele, olhos, ouvidos e nariz.

O bloqueio ou couraça impede o indivíduo de progredir. Em seus ensinamentos, Reich enfoca em diversos momentos. Deixa claro que é em torno do ego que a couraça se forma e como resultado do conflito entre o mundo externo e os movimentos pulsionais, surgem as frustrações.

Reich descobriu que a couraça psíquica tinha ligação com a couraça muscular. Não podemos confundir couraça com tensão. Falamos aqui couraça energética, o corpo como um todo. Nesta couraça existe uma tensão muscular. A couraça física é diferente, temos como recurso a massagem.

Se afrouxarmos a couraça muscular, aliviemos a couraça psíquica. O contrário não, porque temos memória: intelectual, somática, etc. Assim Reich começou a olhar para o corpo do paciente como um todo. NAVARRO (1995, p. 19) diz: “A experiência cotidiana nos ensina uma verdade primordial: eu expresso meu corpo, meu corpo me expressa”.

Um organismo encouraçado apresenta excessos ou deficiências de carga energética, comprometendo o funcionamento do organismo como um todo.

Cada bloqueio tem um significado emocional preciso e provoca um estigma individual. Aqui se faz presente os sete segmentos ou níveis do mapeamento emocional do corpo.

O tônus funcional ótimo de cada nível é, teoricamente, aquele no qual a situação neurovegetativa e muscular está em equilíbrio. É a partir dessa consideração que nasceu a vegetoterapia caracterioanalítica de Wilhelm Reich (NAVARRO, 1995, p. 27)

Nosso contato com a realidade se dá por intermédio da sensorialidade. Toda terapia reichiana baseia-se no contato que o indivíduo precisa ter consigo mesmo e com os outros. O estímulo que a emoção produz é a sensação, por isso, a importância dos *actings* da vegetoterapia para provocar manifestações emocionais e neurovegetativas, tornando conscientes sensações ou estados de ânimo bloqueados desde o período prenatal. A energia bloqueada no nível muscular é descarregada, desfazendo as tensões musculares e liberando o caminho para a circulação energética.

Considerando que cada pessoa tem suas características, devemos compreender os conceitos e técnicas relacionadas ao caráter como referências para auxiliar o manejo clínico. Essas experiências devem levar sempre em conta o tempo de elaboração emocional de cada indivíduo e um olhar atento para as singularidades.

Com a Psicologia Corporal, através da vegetoterapia, podemos chegar a entender e trabalhar com o corpo energético.

Parece-nos impossível viver na natureza sem qualquer de seus aromas e usar-los como vibração, movimento, pulsação, emoção. Por isso, relato aqui três casos diferentes de perda de olfato.

Em primeiro lugar descrevo meu próprio caso. Dois dias após uma queda resultante de um desmaio, da qual bati com a cabeça no solo, descubro com muita tristeza que havia perdido a sensação do olfato. Mesmo o sentido gustativo funcionando, pois podia sentir o que era salgado, doce, amargo ou ácido, havia, porque não dizer, perdido o gosto sabor da vida. Todos os exames clínicos possíveis foram feitos, como tomografia, exames de sangue e nada foi detectado fisicamente.

Eis aqui uma prova de que não podemos separar nosso corpo por partes.

Ficou um ponto de interrogação para a medicina tradicional, pois como perco o olfato e meu paladar em nada é alterado?

Sigo minha vida. Mas emocionalmente não estou bem. De imediato me frustro, seguido de uma série de lamentações internas, pois o olfato sempre desencadeou uma série de prazeres. Este fenômeno veio violentar-me emocionalmente. Havia perdido a possibilidade de os aromas e odores me proporcionarem recordações ou associações comovedoras, me deixando um vazio

muito grande. Não havia sequer um nome para este pesadelo. Para os que não ouvem, chamamos surdos, para os que não enxergam, chamamos, cegos. Como chamar alguém que não tem olfato? Que triste sofrer dessa carência sem nome, mas tão nobre!

Algo me chama atenção. Antes de perder o olfato, em algumas ocasiões eu tinha acesso de rinite alérgica. Durante a perda olfativa nunca tive esses acessos; e depois do retorno do olfato até hoje, nunca mais aconteceu.

Minha vida, meu corpo me expressa, assim como eu expesso meu corpo, como já dizia Navarro.

Nas primeiras páginas desse trabalho, me propus a provar, através da análise reichiana, que o corpo registra toda a nossa história, e é a partir desse registro que fazemos as possíveis relações com o caráter. Assim é fácil perceber que a atividade rítmica do meu corpo encontrava-se em desarmonia. Os excessos ou as deficiências de carga, comprometem o funcionamento do organismo como um todo.

O que leva a uma falha desse sentido? Isso significa que não há um nível energético saudável, não há ritmo, o movimento não está coeso.

O aspecto psicodinâmico do bloqueio do nariz, anorgonótico ou hiperorgonótico, determina três aspectos fundamentais da caracterialidade: 1) uma atitude de desafio, defesa permanente causada pelo hábito de se reprimir e de guardar distância. Esta distância corresponde a um corte de contato compensado por 2) excesso de pseudocontatos, o qual comporta a repressão da espontaneidade e das necessidades primárias; 3) uma racionalização, que exprime uma defesa intelectual inconsciente e faz o indivíduo crer que seu "eu" é o melhor do mundo, ou seja, que é bom, está bem e tem valor (NAVARRO, 1995, p.48-49).

Através da análise reichiana obtenho respostas. Como nosso corpo não mente, aprendo a escutá-lo, ficar atenta e conhecer sua linguagem, dar-me conta de suas sensações. Sensações que despertam emoções, pensamentos e ações.

No decorrer da vegetoterapia, sutilmente meu olfato retorna. Algo desperta minha atenção. A atividade rítmica do corpo ainda encontra-se deprimida, porque o odor desagradável não é sentido, só o agradável. O que estou negando?

Sendo assim, a análise reichiana, através da vegetoterapia, busca resgatar por meio de um trabalho de desbloqueio das couraças psíquicas e somáticas, aqueles segmentos que estão encouraçados e que por sua vez, estão limitando e impedindo a auto regulação do corpo e da mente.

O olfato contribui muito para a vida psíquica e influencia toda a dinâmica emocional, funcionando com todos os outros sentidos. O olfato nos permite aceitar ou rejeitar. Quando é tido como sensação agradável, há aceitação, prazer, um movimento de expansão, ao passo que, quando a mensagem é desconfortável, desagradável, não é transmitida, havendo um movimento de contração. Com a falha, sabe-se que não há um nível energético saudável, não há ritmo, o movimento não está coeso.

Para estabelecer um bom contato entre meu eu interior e meu eu exterior ou, mais precisamente, entre eu mesma, os outros e o meio, dispus de um conjunto de fatores de reciprocidade e de adaptação trabalhando com a vegetoterapia.

Com esta proposta terapêutica sutilmente o organismo reage a uma forma de pulsação energética.

Como assinalou Reich, a vida não tem objetivos, ela funciona. Isso significa que a vida é, o devir é, mesmo se aparentemente parece um processo temporal. O tempo é; nossa limitação humana leva a falar de futuro; o futuro não existe, existe um contínuo e progressivo presente (o instante fugaz!) ligado ao Cosmo, ao Universo que sempre existiu e sempre existirá, como reitera a lei de Lavoisier! (NAVARRO, 1996, p. 41).

Hoje já afirmo que a sensação olfativa está presente em minha vida, fazendo meu corpo vibrar numa alegria física e emocional.

Recordo-me que foram três anos sem sentir essa sensação olfativa e, quando sutilmente retorno ao mundo dos aromas, esqueço esta ausência, para dar continuidade ao processo da vida.

E assim, com muita sutileza a vida me proporciona um festim de vibrações me presenteando, mimando, acalentando, envolvendo sem disfarces este prazer tão bem merecido.

Outro caso é de uma pessoa que perdeu o olfato pouco a pouco. Tem como histórico anterior rinite e sinusite.

Alguns indivíduos apresentam, desde a infância, uma situação muito característica para resfriados, ligada, nele, à necessidade de se protegerem de uma crise existencial, mantendo, graças a rinite, o contato com eles mesmos: a voz anasalada da pessoa resfriada é a de alguém que fala para dentro, para si mesmo, bloqueando a expressividade da emissão verbal. (NAVARRO, 1995, p. 47)

As fossas nasais e as cavidades nasais são revestidas de uma mucosa erétil, capaz de se congestionar, de intumescer com o afluxo repentino de sangue. A

mucosa erétil do nariz é responsável pelas rinites alérgicas. A função do nariz é tão subestimada nos livros de anatomia, que o desvio do septo nasal é considerado normal nos adultos. Navarro (1995, p. 47) narra “Constatamos essa opinião, pois é a repressão da função nasal por um longo período que produz o desvio do septo”. A sobrecarga energética local constitui um terreno favorável ao desenvolvimento de corpos estranhos, micróbios, fonte das rinites repetidas ou crônicas. Da mesma maneira outra condição se propaga da mucosa das cavidades nasais para a das cavidades dos ossos do crânio determinando crise de sinusite ou sinusite crônica.

A pessoa deste caso, depois de exames clínicos, optou pela cirurgia. Seu histórico é o seguinte: foi repentinamente que percebeu. Ao comprar um perfume, a vendedora ofereceu amostras para provar. De imediato constatou que estava sem olfato, não sentia aroma nenhum. No início ela não deu muita importância ao fato. Mais tarde, conversando com um neurologista, este fez exame de ressonância, e nada acusou, tudo saindo dentro da normalidade. Como diariamente, pela manhã espirrava muito, procurou um otorrinolaringologista. Este a tratou com medicamentos para sinusite, com antibióticos. Como não melhorou, há quase três anos, fez a cirurgia dos seios nasais, da qual ela não lembra o nome da cirurgia. Segundo o médico, seu nariz estava bem congestionado. Passados uns dois meses da cirurgia, tudo normalizou, voltou a sentir todo tipo de odor, e parou de espirrar. Está ótima. Em contato com esta pessoa percebo a satisfação ao relatar o retorno dessa sensação. O que chamou minha atenção foi a despreocupação em saber exatamente o porque da perda, dando somente importância para a recuperação do sentido em si.

O terceiro caso é de um indivíduo que já nasceu sem o sentido do olfato. Adaptou sua maneira de viver sem se preocupar em buscar as causas. Há um conformismo, continuará vivendo sem este sentido. Entendo que neste caso o comprometimento durante a vida intra-uterina provocou uma condição energética de carga baixa.

Na vida intra-uterina, o terreno energético está se formando. Muita coisa pode acontecer. No início da gestação o bebê está vulnerável aos efeitos teratogênicos das drogas, dos vírus, da radiação e de qualquer tipo de estresse. Isto pode comprometer a estrutura energética e de caráter ao nascer. Ao nascer, os pulmões são muito importantes para o ato de respirar. A respiração nasal é fundamental para ativar o olfato. Quando nasce, o bebê quer sentir a pele, o calor, o cheiro da mãe. É necessário contato físico, energético e emocional.

O corpo não é mais considerado um depositário da alma, como se propunha na idade antiga. Mesmo no útero o feto comunica-se e faz contato com a mãe e com o mundo que o rodeia, sentindo e respondendo os estímulos do meio, principalmente aos estresses, que vão sendo registrados e permanecem ancorados na memória sensorial, celular. Mais tarde, esses registros podem vir à tona e trazer como consequência a manifestação de inúmeras doenças. (VOLPI, 2005, p. 1)

No período intra-uterino o feto possui maiores recursos do que o embrião para responder a situações ameaçadoras. Já existem órgãos que conseguem “segurar” o medo, a ameaça, contraindo-se, principalmente, ao nível do nariz, ouvidos e olhos, o primeiro segmento reichiano.

Paula (2006), em seu artigo intitulado O ser humano como movimento energético, expõe:

Reich propõe que a energia Orgone está em toda parte ocupando todo o espaço em diferentes concentrações. Não tem massa, é primordial, ou seja, antecede todas as formas de energia ou matéria. As concentrações naturais dessa energia formam sistemas, atingem seu ápice e depois declinam até dissolverem-se. Homem, Sociedade, Natureza e Cosmos são expressões de reciprocidades interativas energéticas que possuem movimentos individuais específicos em concentrações diferentes. Qualquer distúrbio é expressão do fluxo do movimento dessa energia, tanto no seu aspecto qualificativo como no quantitativo.

O ato de respirar sempre tem dois movimentos, salvo em duas ocasiões de nossa vida: no começo e no fim. Ao nascer inalamos pela primeira vez; ao morrer exalamos pela última vez. Neste espaço de tempo, ao longo de toda a vida, cada ato de respiração faz passar o ar por nossos órgãos olfativos. Cada dia respiramos milhares de vezes e movemos muitos metros cúbicos de ar. Tardamos uns cinco segundos em respirar, dois segundos para inalar e três para exalar, e nesse lapso, as moléculas olfativas fluem por nossos sistemas.

O sentido do olfato é forrado por um epitélio secretor de muco. Ao circular pela cavidade nasal, o ar se purifica, umedece e esquenta.

As regiões olfativas que se encontram na parte superior de cada fossa nasal são amarelas e estão ricamente umedecidas e cheias de substâncias gordurosas.

Os perfumes, aromas, cheiros nos provocam efeitos que impressionam e fascinam, manifestando uma forma física.

O órgão olfativo é a mucosa que forra a parte superior das fossas nasais, chamada mucosa olfativa ou amarela, para distingui-la da vermelha, que cobre a parte inferior.

A mucosa vermelha é dessa cor por ser muito rica em vasos sanguíneos, e contém glândulas que secretam muco, que mantém úmida a região. Se os capilares

se dilatam e o muco é secretado em excesso, o nariz fica obstruído, sintoma característico do resfriado.

A mucosa amarela é muito rica em terminações nervosas do nervo olfativo. Os dentritos das células olfativas possuem prolongamentos sensíveis (pêlos olfativos) que ficam mergulhados na camada de muco que recobre as cavidades nasais. Os produtos voláteis ou de gases perfumados ou ainda de substâncias lipossolúveis que se desprendem das diversas substâncias, ao serem inspirados, entram nas fossas nasais e se dissolvem no muco que impregna a mucosa amarela, atingindo os prolongamentos sensoriais.

Quando o bulbo olfativo detecta algo, seja durante a refeição, o ato sexual, um encontro emocional, um passeio na natureza, se comunica na corrente cerebral e envia uma mensagem direta ao sistema límbico, uma seção misteriosa, antiga e intensamente emocional de nosso cérebro onde nos faz sentir, gozar, pulsar e emocionar.

Sem dúvida alguma os aromas podem nos influenciar biologicamente. Como exemplo pode-se citar como o almíscar produz um câmbio hormonal na mulher que o cheira. Enquanto o porque do cheiro das flores nos pode excitar, pode-se dizer que as flores tem uma poderosa vida sexual. O perfume de uma flor declara ante o mundo que é fértil, desejada, e que está disponível, com seus órgãos sexuais empapados de néctar. Seu perfume nos lembra de algum modo a fertilidade, o vigor, a força vital, e todo o otimismo, as expectativas e o florescer apaixonado da juventude. Inalamos seu aroma ardente, a qualquer idade, e nos sentimos jovens e envolventes, em um mundo inflado pelo desejo.

Os raios de sol apagam alguns cheiros, como pode testemunhar qualquer um que tenha estendido ao sol roupas úmidas.

Muitas pessoas normalmente tem “pontos cegos”, especialmente a respeito de alguns almíscar, e outras podem detectar aromas débeis e fugazes. Quando pensamos no que é normal que sentem os seres humanos, temos que ser prudentes em excesso.

Uma coisa surpreendente do olfato é a amplitude do aspecto de resposta que se encontra ao longo da curva que chamamos normal.

Navarro (1995, p. 46) diz: “O cheiro de cada um é particular, como o são as impressões digitais”.

Uma das partes mais importantes da criação é a harmonia. É como comparar aos acordes musicais. Por que não relacionar aromas com a música? Quando de

um modo estranho, soam aos nossos ouvidos descompassos relacionados à música, de imediato vamos ao encontro dos acordes justos, harmoniosos, sonoros. Não desejamos que seja desagradável e perturbador.

Assim também é com nosso sentido olfativo. Desejamos o equilíbrio para que através do olfato possamos distinguir diferentes aromas, sejam eles agradáveis, desagradáveis, fortes, sutis e assim por diante, saindo de acordes de nossa mente, de nossa memória.

Nossos sentidos estão ávidos, cheios de desejos fortes e intensos de ter novidades. A menor mudança nos põe em alerta, enviando um sinal ao cérebro.

Todos nós temos nossas recordações aromáticas. Um dos mais vívidos que eu mesma tenho é deparar com o aroma do limão, pois me transporta à infância em gostosas tardes de verão na praia.

O corpo não esquece. Tudo que é vivido durante a infância, através de sensações, permanece registrado. Uma forma de comunicação desses registros ancorados no corpo é a somatização.

No passar de toda nossa vida, nosso corpo armazena sensações que estão ligadas a sentimentos e vivências afetivas, de cunho positivo e negativo. Algumas irão desaparecer com o passar dos tempos; outras, irão se sedimentar, deixando uma impressão gravada em nosso corpo e em nossa mente, de forma consciente ou inconsciente.

Volpi ((2004), em seu artigo intitulado Somatização, expõe:

Essa memória irá reagir frente a ações e impactos sofridos no dia a dia, principalmente ao estresse e por consequência, irá despertar em forma de sensações e/ou lembranças, ou, o que é comum acontecer, em forma de doença. Portanto, constantemente somos confrontados com dois caminhos: ouvir nosso corpo e deixa-lo falar em seus desejos e expressar suas angústias ou submetê-lo aos estresses físicos e psicológicos diários que a vida nos traz, formando assim as couraças.

A mente contém a história do indivíduo, por isso, o corpo contém a história de uma pessoa que mudanças psíquicas são condicionadas pelas mudanças também nas funções corporais. Isso explica as diferentes posturas corporais e distintos comportamentos apresentados pelas pessoas, onde cada um possui uma forma muito particular de ser e agir. Essa é a expressão de caráter.

Podemos dizer que todos nossos sentidos estão vinculados de acordo com nosso caráter.

O olfato é um sentido que se relaciona diretamente ao posicionamento do indivíduo no espaço físico e social. Ele interfere na relação do ser humano com o ambiente, pois ele também serve como gatilho emocional que lida com emoções fortes.

Sendo o ser humano uma espécie de cunho social, os aromas podem determinar a maneira que nossas relações interpessoais são estabelecidas e conduzidas.

Confirmando um pensamento que diz que os aromas, os perfumes são mais seguros que as visões e os sons para fazer soar, pulsar as cordas do coração.



4 CONCLUSÃO

Tudo tem um princípio de funcionamento comum: mente - corpo – energia.

Sem energia não há vida. O princípio básico da energia orgone é VIDA.

Segundo o pensamento funcional postulado por Reich, temos sempre dois princípios opostos e antitéticos: Emoção com prazer / angústia. Prazer é expansão, é movimento. Angústia é contração, é estase energética.

Da mesma forma que o orgasmo, o Homem vive em constante movimento. Temos no orgasmo, expansão e contração. Na expansão há tensão / carga e na contração, descarga / relaxamento.

Todo esse movimento é fundamental para o ser vivo manter um nível energético saudável.

O organismo vivo contém energia orgone em cada uma das células e se encarrega orgonicamente com energia da atmosfera por meio da respiração.

Para que haja um movimento energético coeso, devemos estar sempre em contato com nossas sensações. Todas as sensações são percepções corporais e os sentimentos são a verdade. Esses precisam fluir naturalmente, e para tanto, ligados ao prazer.

O prazer sensorial é encontrado em estímulos que se harmonizam com os ritmos, respiração e movimentos de nosso corpo. LOWEN (1970, p. 202) diz: “Prazer é ritmo e ritmo é prazer. A razão dessa identidade é que o prazer é a percepção do fluxo rítmico da excitação do corpo. É a forma natural e saudável de funcionamento do organismo”.

A Psicologia Corporal nos ajuda a ter conhecimento dos processos da vida. Segundo Volpi & Volpi (2002, p. 19):

A Psicologia Corporal dedica-se a estudar as manifestações comportamentais e energéticas da mente sobre o corpo e do corpo sobre a mente. É a abordagem humana que busca compreender todo ser vivo como uma unidade de energia que contem em si dois processos paralelos: o psiquismo (mente) e o soma (corpo).

Quando a pessoa não consegue expandir-se ou reagir aos estímulos, a atividade rítmica do corpo está deprimida, retraída. Sem sensação de ritmo, não há prazer, e assim, a pessoa adquirirá uma forma contraída.

O objetivo da terapia, segundo Reich, é ter potência orgástica, reflexo do orgasmo. Sabemos também que os objetivos para terapia são: a auto-percepção

(minhas emoções, o que sinto), a auto-expressão e o autodomínio. Se conhecer, para se expressar, para se dominar. Quanto mais conseguirmos nos expressar, mais saudável seremos.

Segundo Navarro (1991, p. 35): “A vegetoterapia é uma terapia emocional, e as emoções não são nomes sonoros ou quantidades mensuráveis, mas um sentir enraizado no corpo”. Diz ainda: “Uma boa terapia é arte e não técnica”.

A vida nos ensina a ser prudente. Nosso corpo não mente. É preciso escutá-lo, estar atento e conhecer sua linguagem.

Quando não damos atenção aos pensamentos e sentimentos, eles se manifestam no corpo, para não deixarmos de atendê-los

Quando você se decide pela vida, também entrará em contato com sua força, sua vitalidade e sua alegria, mesmo que o atinja alguma coisa que o faça chorar..

Mesmo focalizando somente o olfato neste trabalho, não devemos nos preocupar somente com o físico. Temos que estar ciente que todos tem sentimentos, emoções. Portanto, não há como separar o corpo da mente. Por isso a análise reichiana visa o equilíbrio, a harmonia do indivíduo em sua totalidade, mental, emocional, corporal e espiritual. O resgate, a recuperação, o equilíbrio para obter a capacidade natural de pulsar, para ter contato sadio consigo, com o outro e com a natureza fazem parte da análise reichiana.

Quando um indivíduo é especialmente sensível a um tipo de perda, tende a usar certo conjunto de defesas ao enfrentar esta perda. E assim o sentimento doloroso é expresso como um sintoma. Segundo Viscott (1982) existem os chamados sintomas de conversão, mediante os quais, em vez de sentimento, uma parte do corpo é simbolicamente afetada. Como neste caso, a perda olfativa pode ser vista como uma dificuldade de “encarar” os sentimentos dolorosos. Viscott (1982, p. 35) diz ainda que “sentimentos podem ser bloqueados em qualquer ponto ao longo do processo – ante a ameaça, perante a dor, pela raiva, pela culpa ou pela depressão”.

Concluindo, podemos afirmar a importância de estarmos sempre em contato com nossas sensações para haver um movimento energético coeso.

Os aromas, de certa maneira nos levam a um tempo anterior ao pensamento, anterior a visão, quando o olfato era o único guia que tínhamos nos escuros corredores da evolução. Por isso não podemos abandonar o palácio de nossas percepções, emoções, sensações.

A grande questão com a vida é viver. Viver de modo tão variado, como seja possível, cultivando nossa curiosidade como puro prazer, num galopar vibrante.

Nosso sentidos também estão ávidos de novidades. Algo que pulsa como energia e desejo, sugerindo todas as coisas boas, gostosas, formosas dando uma sensação de felicidade.



REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, D. **Una historia natural de los sentidos**. 3. ed. Barcelona: Anagrama, 1992.
- AZEVEDO, M. M. **Nascer de novo**. São Paulo: Sovesp, 2000.
- LOWEN, A. **Prazer**: uma abordagem criativa da vida. 7. ed. São Paulo: Summus, 1970.
- NAVARRO, F. **A Somatopsicodinâmica**: sistemática reichiana da patologia médica. São Paulo: Summus, 1995.
- NAVARRO, F. **Caracterologia pós reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.
- NAVARRO, F. **Metodologia da vegetoterapia caracteroanalítica**: sistemática, simiótica, semiologia, semântica. São Paulo: Summus, 1996.
- NAVARRO, F. **Somatopsicodinâmica das biopatias**: interpretação reichiana das doenças com etiologia “desconhecida”. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.
- PAULA, M. B. T. O ser humano como movimento energético in: VOLPI & VOLPI. **Apostila do Módulo 2 do Curso de Especialização em Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2006.
- REICH, W. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- VISCOTT, D. **A linguagem dos sentimentos**. 18. ed. São Paulo: Summus, 1982.
- VOLPI, J. H. **Curso de especialização em psicologia corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2006. Notas de Aula.
- VOLPI, J. H. **Fundamentos epistemológico em direção a uma ecopsicologia**. Tese de doutorado. Curitiba: UFRP, 2007.
- VOLPI, J. H. Quando o corpo somatiza os conflitos da mente in: VOLPI & VOLPI. **Apostila do módulo 2 do curso de especialização em psicologia corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2006.
- VOLPI, J.H. Somatização: a memória emocional ancorada no corpo. **Apostila do módulo 2 do curso de especialização em psicologia corporal**. Curitiba: Centro Reichiano. 2006.
- VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Crescer é uma aventura**: desenvolvimento emocional segundo a psicologia corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2002.
- VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Reich**: da psicanálise à análise do caráter. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.
- VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Reich**: da vegetoterapia à descoberta da energia orgone. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.